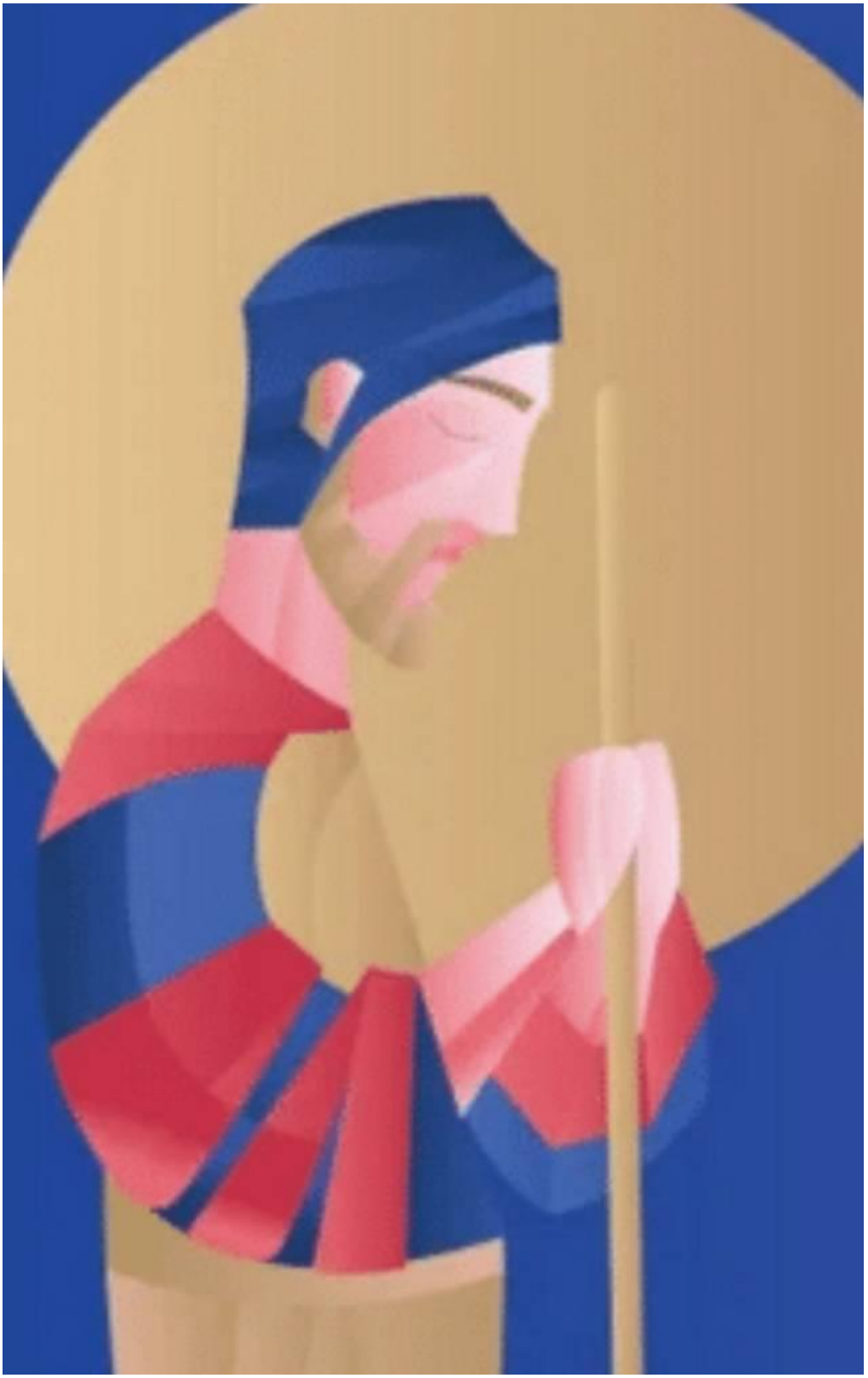

© Prelazia da Santa Cruz e Opus Dei

MEDITAÇÕES DE SÃO JOSÉ

www.opusdei.org

Índice

— Meditações: 1º domingo de São José

— Meditações: 2º domingo de São José

— Meditações: 3º domingo de São José

— Meditações: 4º domingo de São José

— Meditações: 5º domingo de São José

— Meditações: 6º Domingo de São José

— Meditações: 7º domingo de São José

— Meditações: 19 de março, solenidade de São José

Meditações: 1º domingo de São José

- A devoção dos sete domingos de São José

- A missão do pai de Jesus

- Padroeiro da Igreja e da Obra

QUANDO JESUS, durante o seu ministério público na Galileia, veio pregar na sinagoga da Sua própria cidade, todos "ficavam maravilhados" (*Mt* 13,54). A atitude dos Seus conterrâneos fala-nos da impressão causada por aquele que tinham visto crescer nas suas praças e ruas: "De onde lhe vem essa sabedoria e esses milagres? Não é ele o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria, e seus irmãos não são Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não moram conosco? Então de onde lhe vem tudo isso?" (Mt 13,55-56).

Unindo-se a essa santa curiosidade para saber mais sobre o ambiente familiar de Cristo, a tradição da Igreja identificou na Sagrada Escritura sete momentos cruciais da vida de São José; são sete experiências suas nas quais, como é normal também para nós, se misturam a alegria e a dor, a alegria e o sofrimento. É por isso que em muitos lugares os sete domingos anteriores à festa são dedicados à meditação sobre essas passagens.

Um dia, em uma terra com especial devoção a São José, alguém perguntou a São Josemaria como se aproximar mais de Jesus: "Pensa naquele homem maravilhoso, escolhido por Deus para fazer de Seu pai na terra; pensa nas suas dores e nas suas alegrias. Você faz os sete domingos? Caso contrário, aconselho-o a fazê-los"[1].

A devoção ao santo patriarca pode ser encontrada, sobretudo na arte e na devoção ao longo do tempo nas várias instituições da Igreja. No século XVII, o Papa Gregório XV instituiu pela primeira vez uma festa litúrgica em seu nome. Mais tarde, em 1870, o santo Papa Pio IX nomeou São José padroeiro universal da Igreja. A partir de então, Leão XIII dedicou uma encíclica ao santo patriarca e no centenário deste documento São João Paulo II redigiu a exortação apostólica *Redemptoris custos*. Já no terceiro milênio, o Papa Francisco publicou também uma carta sobre São José com o título *Patris corde*, *Com coração de Pai*. Este interesse reiterado da Igreja, de maneira especial nos últimos tempos, pode renovar em nós uma atitude de gratidão, de admiração e pode levar-nos a que nos perguntemos: que lugar ocupa São José no meu coração?

"JOSÉ, FILHO DE DAVI, não tenhas medo de receber Maria como tua esposa,

porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados" (*Mt* 1,20-21). Desta forma tão simples, o anjo dissipa as dúvidas e temores de José. Não sabemos ao certo o que se passava no seu coração e na sua mente. Certamente não duvidava da inocência da sua esposa, pelo que o anjo lhe confirma o que talvez já sentisse na sua alma: ali havia algo de Deus. Na verdade, por meio do anjo, o próprio Deus lhe confia quais são os Seus planos e como conta com ele para realizá-los. José é chamado a ser o pai de Jesus; essa será a sua vocação, a sua missão.

"Que grandeza a figura silenciosa e oculta de São José adquire, disse São João XXIII, pelo espírito com o qual cumpriu a missão que lhe foi confiada por Deus. Pois a verdadeira dignidade do homem não é medida pelo brilho de resultados marcantes, mas pelas disposições internas de ordem e de boa vontade"[2]. O santo patriarca, apesar de estar ciente da importante e nobilíssima tarefa que lhe foi confiada pelo Senhor, chegou até nós como um exemplo de humildade e discrição. É no silêncio daquele "ocultar-se e desaparecer" que os planos divinos dão os seus maiores frutos.

Também agora, Deus continua a confiar em José para cuidar da Sua família, da Igreja e de cada um dos Seus filhos, com a mesma dedicação e ternura que faria com o Senhor. Um antigo aforismo judeu diz que um verdadeiro pai é aquele que ensina a Torá – a lei de Deus – ao seu filho, porque é então que ele realmente o gera. São José cuidou do Filho de Deus e, do ponto de vista humano, introduziu-o na esperança do povo de Israel. E é isso que faz conosco: com a sua poderosa intercessão leva-nos a Jesus. São Josemaria, cuja devoção a São José foi crescendo ao longo da sua vida, dizia que "São José é realmente Pai e Senhor: protege e acompanha no seu caminho terreno aqueles que o veneram, como protegeu e acompanhou Jesus enquanto crescia e se tornava homem"[3].

"A IGREJA inteira reconhece em São José o seu protetor e padroeiro. Ao longo dos séculos, tem-se falado dele sublinhando diversos aspectos da sua vida, continuamente fiel à missão que Deus lhe confiou. Por isso, desde há muitos anos, agrada-me invocá-lo com este título muito íntimo: *Nosso Pai e Senhor*"[4]. Este título é uma honra e uma responsabilidade. Junto com Maria, José alimenta, cuida e protege a família. E a Igreja, sendo a família de Jesus, tem São José como padroeiro e protetor: "a Igreja, depois da Virgem Santíssima, esposa dele, teve sempre em grande honra e cumulou de louvores o Bem-aventurado José e, no meio das angústias, de preferência foi a ele que recorreu"[5].

O Concílio Vaticano II fala em "investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida"[6]. É por isso que, como família, constantemente nos perguntamos o que o Senhor quer que aprendamos com cada situação e em cada encruzilhada. A intercessão dos Santos é uma ajuda do céu para descobrir Deus em todos os acontecimentos e tornar presente o Seu poder. São José guia e guarda a Igreja neste caminhar.

E também São José é padroeiro desta família que é a Obra. Nos primeiros anos, São Josemaria recorreu especialmente a ele para tornar presente Jesus Sacramentado num dos primeiros centros de Opus Dei. Por sua intercessão, em março de 1935, foi possível ter o Senhor reservado no oratório da Academia-Residência DYA, da Rua Ferraz, em Madri. Desde então, o fundador da Obra queria que a chave dos sacrários dos centros do Opus Dei tivesse uma pequena medalha de São José com a inscrição *Ite ad Ioseph;* a razão é lembrar que, assim como o José do Antigo Testamento o fez com o seu povo, também o santo patriarca nos tinha facilitado o alimento mais precioso: a Eucaristia.

Pedimos a José que continue a ajudar-nos a aproximar-nos de Jesus Sacramentado, que é o alimento de que se nutre a Igreja e *esta partezinha* que é *a* Obra. Assim o fez com Maria, em Nazaré, e assim também o fará, com Ela, nas nossas casas.

---

[1] São Josemaria, Notas de uma Reunião Familiar, 15/09/1972.

[2] São João XXIII, Rádio Mensagem, 1/05/1960.

[3] São Josemaria, *É Cristo que passa,* n. 39.

[4] Ibid.

[5] São João Paulo II, ex. ap. *Redemptoris Custos,*n. 28.

[6] Concílio Vaticano II, constituição pastoral *Gaudium et Spes*, n. 4.

Voltar ao índice

Meditações: 2º domingo de São José

- São José, pai amado;

- Modelo de pai;

- Padroeiro da família.

NA ORAÇÃO pronunciada por Jesus em Getsêmani, fica manifesta a proximidade e o poder de Deus: “Abbá! Pai! Tudo te é possível!” (Mc 14,35). Podemos pensar que Jesus, anos antes, dirigiu-se a José, seu pai na terra, muitas vezes com a mesma exclamação: Abbá, papai. Por isso o patriarca, em sua humanidade igual à nossa, é em certo sentido um ícone da paternidade de Deus. Assim o entendeu a piedade popular ao longo dos séculos, e também os artistas, representando São José com um rosto idêntico ao do Pai.

São Josemaria observava que Deus é o primeiro a amar São José de uma maneira muito especial. Deus, ao preparar um pai terreno para Jesus, de modo semelhante ao que havia feito com Maria, escolheu um homem especial, justo, cuja santidade atraía os outros e difundia paz ao seu redor. “A Sagrada Escritura conta muito pouco sobre São José. Parece que ele se esforçava muito para permanecer escondido, e o Senhor lhe concedeu esta bela virtude (…). Imediatamente depois de Nossa Senhora, tenho certeza de que, em santidade, vem José. E São José teve tanta intimidade com Virgem Maria e o Menino Deus que até a liturgia se torna – como direi? – afetuosa… São José foi revestido de virtudes admiráveis. Ele deveria ser encantador e, ao mesmo tempo, teria um caráter cheio de fortaleza, de firmeza e de suavidade”[1].

É muito significativo que, na genealogia de Jesus Cristo detalhada no Evangelho de São Mateus, o elo que liga as gerações seja a paternidade: Abraão gerou Isaac; Isaac gerou Jacó etc. Mas, ao chegar ao último elo, o evangelista quebra a sequência escrevendo: “Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado o Cristo” (Mt 1,16). A paternidade corresponde a São José não por ele ter gerado Jesus, mas por ser o marido da Virgem Maria. São José é um “pai que foi sempre amado pelo povo cristão”[2] precisamente porque foi o cônjuge amado da nossa Mãe. É a beleza e a grandeza do matrimônio que fundamenta a sua paternidade. E aquele pai e marido, amado por tantos fiéis, pode nos perguntar: “Você confia na minha preocupação por você? Você confia no meu desejo de aproximá-lo do amor de Deus?”

“JOSÉ, FILHO DE DAVI, não tenhas medo de receber Maria como tua esposa,

porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de Jesus" (Mt 1,20). Nestas breves palavras do evangelista podemos descobrir três coisas: primeiro, o caráter pessoal da escolha divina – que se manifesta no uso dos nomes próprios "José" e "Maria"; depois, a relação que os unirá – "tua esposa"; e em terceiro lugar, a responsabilidade que Deus confere ao patriarca – "e tu lhe darás o nome". Na vida de Maria e José tudo está relacionado com Jesus, tudo se dirige a Ele. O amor matrimonial se traduz em olhar juntos para seu filho para, como pai e mãe, participarem da obra da redenção. A maioria dos cristãos vive a sua fé precisamente desta maneira, dentro do casamento, que é uma vocação, um caminho para olhar e ir em direção a Jesus Cristo.

Em uma ocasião, uma mãe viúva perguntou a São Josemaria como preencher o vazio deixado pelo marido: "Tenha muita devoção a São José, respondeu o fundador do Opus Dei. São José levou adiante a família de Nazaré, e levará a sua também. Obtenha uma pequena imagem de São José, tenha devoção a ele, acenda com piedade uma vela para ele de vez em quando, como nossas mães, como nossas avós: todas as devoções antigas são atuais, não há uma que não seja atual"[3]. Séculos antes, Santa Teresa animava todas as almas a confiarem sem reservas em São José: "Eu queria persuadir todos a serem devotos desse glorioso Santo, pela minha grande experiência de quantos bens ele alcança de Deus"[4].

O santo patriarca, tendo recebido a missão de educar o Filho de Deus, de levá-lo pela mão para acompanhá-lo em seus primeiros passos em tantas situações da vida, pode ser um apoio para todas as famílias e para cada apóstolo. São José ensinou o Menino Jesus a se relacionar com as pessoas, a trabalhar, a ouvir a Sagrada Escritura, levando-o à sinagoga aos sábados... "A missão de São José é sem dúvida única e irrepetível, porque Jesus é absolutamente único. E, todavia, protegendo Jesus, educando-o a crescer em idade, sabedoria e graça, ele constitui um modelo para cada educador, em especial para cada pai"[5].

SÃO JOSÉ tem seu próprio papel único e insubstituível na configuração da Sagrada Família. "A encarnação do Verbo numa família humana, em Nazaré, comove com a sua novidade a história do mundo. Precisamos mergulhar no mistério do nascimento de Jesus, no sim de Maria ao anúncio do anjo, quando foi concebida a Palavra no seu seio; e ainda no sim de José, que deu o nome a Jesus e cuidou de Maria"[6]. O patriarca, por aquela chamada particular a constituir a família de Jesus, aprende a ser pai, colabora na preparação do Filho para o cumprimento da sua missão. E, ao mesmo tempo, ele está permanentemente ao lado da sua esposa, apoiando-a em sua tarefa de ser a mãe de Deus. Por isso São José é também o padroeiro do nascimento e desenvolvimento das nossas famílias.

"Sem dúvida, a família é uma graça de Deus, que deixa transparecer o que Ele próprio é: Amor. Um amor totalmente gratuito, que sustenta a fidelidade ilimitada, mesmo nos momentos de dificuldade e desânimo"[7]. São João Paulo II destacava que o futuro da humanidade passa pela família porque geralmente desenvolvemos nela as bases mais importantes para uma vida feliz, ainda que Deus também possa ter outros caminhos, já que cada pessoa é única. Por isso recorremos especialmente a São José, padroeiro da família, para que nos ajude a

viver e mostrar sua beleza, de acordo com o modelo de Nazaré.

“Não tenhamos medo de convidar Jesus para a festa de casamento, de o convidar para vir à nossa casa, para permanecer ao nosso lado e preservar a família. E não tenhamos receio de convidar também a sua Mãe Maria! Quando se casam ‘no Senhor’, os cristãos são transformados num sinal eficaz do amor de Deus. Os cristãos não se casam exclusivamente para si mesmos: casam no Senhor, a favor de toda a comunidade, da sociedade inteira”[8]. A São José, esposo da Santíssima Virgem Maria, rezamos diariamente com esta súplica: Deus vos fez pai e senhor de toda a sua casa, rogai por nós!

---

[1] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 10 de julho de 1974.

[2] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, n. 1.

[3] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 26 de junho de 1974.

[4] Santa Teresa de Jesus, *Libro da vida*, 6, 7

[5] Francisco, Audiência geral, 19 de março de 2014.

[6] Francisco, ex. ap. *Amoris laetitia*, n. 65.

[7] Bento XVI, Ângelus, 28 de dezembro de 2008.

[8] Francisco, Audiência Geral, 29 de abril de 2015.

Voltar ao índice

Meditações: 3º domingo de São José

- São José ensina Jesus

- Jesus ouve a lei dos lábios de José

- José experimenta a ternura de Deus

VER OS FILHOS CRESCEREM é uma das maiores alegrias que a vida tem a oferecer. São José experimentou esta alegria ao ver que “Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52). A principal missão dos pais é preparar seus filhos para que eles, por sua vez, possam encontrar e realizar a sua própria missão. José, através do seu cuidado carinhoso, preparou Jesus em seus primeiros passos na terra. Por isso, em sua vida oculta e sua vida pública, “Jesus devia parecer-se com José: no modo de trabalhar, nos traços do seu caráter, na maneira de falar. No realismo de Jesus, no seu espírito de observação, no seu modo de se sentar à mesa e de partir o pão, no seu gosto em expor a doutrina de maneira concreta, tomando como exemplo as coisas da vida corrente, reflete-se o que foi a infância e a juventude de Jesus e, portanto, o seu convívio com José”[1].

“Com certeza, José terá ouvido ressoar na sinagoga, durante a oração dos Salmos, que o Deus de Israel é um Deus de ternura”[2]. E essa foi a sua atitude de pai em relação a Jesus. O santo patriarca provavelmente não acompanhou o seu filho quando as manifestações da vinda do Reino de Deus já eram visíveis: quando numerosos discípulos O seguiam, durante as curas milagrosas ou quando as multidões ouviam as palavras daquele que ele havia visto crescer. São José, pelo contrário, sempre atuou na discrição da educação familiar, nesse ambiente doméstico tão escondido, mas ao mesmo tempo tão fecundo e cheio de amor. Os frutos daqueles anos não tardaram em chegar: “Esse Jesus que é homem, que fala com o sotaque de uma região determinada de Israel, que se parece com um artesão chamado José, esse é o Filho de Deus. E quem pode ensinar alguma coisa a Deus? Mas é realmente homem, e vive normalmente: primeiro como criança, depois como adolescente, ajudando na oficina de José; finalmente como homem maduro, na plenitude da idade”[3]. A ternura de José continua viva através daquele Filho que cresceu sob o seu teto e que é tão parecido com ele.

O ENSINO da Lei de Moisés era a obrigação e o privilégio do pai de família. Portanto, foi José quem teve a peculiar tarefa de ensinar ao Messias a história de Israel e a fé da Aliança. Maria e o seu marido viram que Jesus era uma criança como tantas outras, mas, ao mesmo tempo, sabiam que todo o mistério de Deus habitava n’Ele. Foi confiada a eles a responsabilidade de dar o nome de “Jesus” à segunda pessoa da Santíssima Trindade encarnada e de educá-lo na tradição do

povo escolhido. O profeta escreve: “Quando Israel era criança, eu já o amava, e desde o Egito chamei meu filho (…). Era para eles como quem leva uma criança ao colo, e rebaixava-me a dar-lhes de comer” (Os 11, 1-4). A tradição cristã viu neste oráculo uma referência a Cristo, e também se pode ver uma referência a Maria e José. O amor de Deus a Israel é comparado ao amor de um pai e de uma mãe por seu filho. Foi Deus quem sempre cuidou do seu Filho, mas o fez através da Sagrada Família; é Deus quem ensina, mas através dos homens.

Uma criança pequena em Israel passaria a maior parte do seu tempo brincando com outras crianças da sua idade na rua ou nas praças. “As praças da cidade se encherão de meninos e meninas a brincar” (Zc 8,5), diz o profeta; e o Senhor também fala de crianças sentadas nas praças (cf. Mt 11,16). A vida em Nazaré era uma vida ao ar livre. Neste contexto, os pais davam aos seus pequenos os primeiros rudimentos de instrução na fé: “Ouve, meu filho, a instrução de teu pai: Não desprezes o ensinamento de tua mãe. Isto será, pois, um diadema de graça para tua cabeça e um colar para teu pescoço” (Pr 1,8). O Menino Jesus gravava em seu coração os ensinamentos de José e as instruções de Maria. Os ensinamentos que São José dava a seu filho são o que hoje chamamos de “catequese familiar”, a transmissão da fé, tanto vivida como em palavras. “A família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo”[4]. É neste clima familiar que Deus entra imperceptivelmente na vida dos nossos filhos; aquelas primeiras orações e manifestações de piedade que herdamos permanecem para sempre nas profundezas da nossa alma.

SANTA MARIA e São José não somente ensinaram a Cristo os costumes e a lei de Moisés, mas, descobrindo o mistério de Deus em seu Filho, perceberam que eles mesmos aprenderiam muito com Jesus. O Evangelista São Lucas repete duas vezes que Maria guardava e meditava em seu coração os acontecimentos e as palavras do seu Filho. Como é importante saber olhar e ouvir, como a Santíssima Virgem e o seu esposo José fizeram!

Quantas vezes, ao ver Jesus, o santo patriarca deve ter ficado admirado ao pensar: como Deus é bom! Como é amável e terno! Como é paciente e próximo a nós! Paciência e compreensão são características fundamentais que todo pai - e, em geral, todo mestre - deve ter, especialmente diante dos defeitos próprios e dos outros; pois “devemos aprender a aceitar, com profunda ternura, a nossa fraqueza. O Maligno faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo”[5]. Pelo contrário, devemos descobrir, uma e outra vez, o positivo em nós mesmos e nos outros, pois assim Deus se aproxima da nossa vida: “a Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos. A Verdade apresenta-se-nos sempre como o Pai misericordioso da parábola: vem ao nosso encontro, devolve-nos a dignidade, levanta-nos”[6]. Não há nada que anime mais a uma melhora na conduta do que o estímulo, a palavra amável, a compreensão perante a fraqueza.

São José aprendeu do seu filho, que era Deus, a ver o mundo com compaixão e ternura. São Josemaria costumava dizer: “José era um grande carinho de Jesus Cristo; Maria era sua Mãe, a quem Ele amava com loucura. Portanto, vamos ter

uma grande devoção a São José, uma devoção terna, delicada, fina e afetuosa. Nós o chamamos de nosso Pai e nosso Senhor: dirijamo-nos a ele como filhos, constantemente! E, através dele, vamos a Maria, dialogando com os dois. Vocês já viram aquelas representações da Sagrada Família com o Menino no centro, a Virgem à direita e São José à esquerda, de mãos dadas? Desta vez somos nós que estamos de mãos dadas com Maria e José, e desta forma eles nos conduzirão a Jesus"[7].

---

[1] São Josemaria, *É Cristo que passa,* 55.

[2] Francisco, Patris Corde, 2.

[3] São Josemaria, *É Cristo que passa,* 55.

[4] Francisco, ex. ap. *Amoris laetitia,* n. 287.

[5] Francisco, Patris Corde, 2.

[6] Ibid.

[7] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 27 de setembro de 1973.

Voltar ao índice

Meditações: 4º domingo de São José

- Como São José obedece

- O recolhimento necessário para ouvir a Deus

- José antecipa a obediência de Jesus com a sua obediência

DEPOIS DA ANUNCIAÇÃO do anjo a Maria, a tradição cristã identificou uma anunciação similar a José: "José, filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria como tua esposa, porque ela concebeu pela ação do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe darás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados" (Mt 1,20-21). O santo patriarca esteve "sempre pronto a cumprir a vontade de Deus manifestada na sua Lei e através de quatro sonhos"[1]. O fato de José ter ouvido os desígnios divinos enquanto dormia e de os ter colocado rapidamente em prática, fala-nos da sua sintonia permanente com Deus. É uma manifestação de que a vida contemplativa nos leva normalmente a descobrir os planos bons do Pai e a querer associar-nos a eles de forma magnânima. Este modo de proceder é o fundamento da obediência ao Senhor. De fato, a palavra "obedecer" vem justamente dessa capacidade de escuta – *ob audire* –, dessa capacidade de ouvir de maneira inteligente o que o outro tem a me dizer. Neste caso, é Deus quem introduz José na grandeza da sua obra misericordiosa de salvação.

Por isso, a obediência está muito longe do cumprimento cego. Um requisito para obedecer, com toda a riqueza desta virtude, é saber ouvir, ter o espírito aberto. Só quem pensa pode ser obediente. São Josemaria refletia nestes termos durante uma homilia do ano 1963: "A fé de José não vacila, sua obediência é sempre estrita e rápida. Para compreendermos melhor esta lição que aqui nos dá o Santo Patriarca, cumpre considerarmos que a sua fé é ativa e que a sua docilidade não se assemelha à obediência de quem se deixa arrastar pelos acontecimentos. Porque a fé cristã é o que há de mais oposto ao conformismo ou à passividade e à apatia interiores. José abandonou-se sem reservas nas mãos de Deus, mas nunca se recusou a refletir sobre os acontecimentos, e assim pôde alcançar do Senhor esse grau de compreensão das obras de Deus que é a verdadeira sabedoria"[2].

As páginas do Antigo Testamento mostram vários momentos em que Deus fala em sonhos. É o que acontece por exemplo, com Adão, Jacó ou Samuel. São testemunhos de pessoas que quiseram estar em constante diálogo divino, deixaram que Deus lhes falasse em todas as circunstâncias. E esses sonhos são também uma amostra de que, através da autêntica obediência, podemos captar novas dimensões da existência, novos nomes, lugares e planos.

SABEMOS QUE DEUS nos fala. Sabemos que está ao nosso lado e que nos convoca sem cessar para que nos unamos ao seu amor – com tudo o que somos – por meio de situações muito concretas. O Senhor se dirige a nós todos os dias, a cada momento, por meio das pessoas que nos rodeiam e dos acontecimentos que vivenciamos. Em tudo se esconde uma parte do plano divino que podemos, pessoalmente, descobrir e desenvolver. Uma oração que Jesus repetiu pelo menos duas vezes por dia, segundo os ensinamentos judeus, era a oração *Shemá Israel*, que começa assim: "Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6,4). Naquele tempo e agora, a primeira coisa a fazer é perceber essa voz divina que nos chama. "Como nenhum outro homem antes ou depois dele, São José aprendeu de Jesus a permanecer atento às maravilhas de Deus, a ter a alma e o coração abertos"[3].

Para ouvir a voz de Deus devemos aprender a fazer silêncio, principalmente silêncio interior. A Sagrada Escritura nos diz que o profeta Elias não ouviu Javé no vento poderoso, nem no terremoto, nem no fogo, mas no "murmúrio de uma leve brisa" (1Rs 19,12). A vida de oração requer que calemos as vozes que nos distraem para poder ouvir a Deus e a nossa voz interior, para compartilhar aí os nossos desejos e capacidades. Nessa intimidade descobrimos quem somos, aprendemos a entrar em diálogo com a voz de Deus e a identificar-nos com ela.

Os evangelistas não registraram nenhuma das palavras pronunciadas por São José, mas conhecemos as suas ações, que são fruto da obediência a Deus, daquela escuta inteligente e desse diálogo na intimidade da sua alma. "O silêncio de São José não manifesta um vazio interior, mas, ao contrário, a plenitude de fé que ele traz no coração, e que orienta todos os seus pensamentos e todas as suas ações"[4]. Esta atitude do patriarca tornou possível que, a partir daqueles quatro sonhos, Deus pudesse orientar o rumo de sua vida. O recolhimento e a sensibilidade de José para detectar os planos divinos fizeram que ele pudesse guardar Maria e Jesus dos perigos e conduzi-los a lugares mais seguros. Nós também podemos alimentar esta atitude de silêncio e escuta para aproximar a voz e os projetos de Deus à nossa vida.

SÃO JOSEMARIA gostava de dizer que no Novo Testamento há duas frases que, em poucas palavras, resumem o que foi a vida de Jesus. Por um lado, São Paulo nos diz que Jesus foi "obediente até a morte, e morte de cruz" (Fil 2,8). Por outro lado, o evangelho de São Lucas diz que Jesus "desceu então com seus pais para Nazaré, e era-lhes obediente" (Lc 2,51), referindo-se ao seu crescimento no lar de Maria e José. Nas duas passagens notamos que o Senhor realizou seu plano de salvação obedecendo por amor a Deus Pai e à sua família terrena. São João Paulo II notava que "esta obediência nazarena a Maria e a José ocupa a quase totalidade dos anos que Ele viveu na terra, e constitui, assim, o período mais longo da total e ininterrupta obediência (...). À Sagrada Família pertence, deste modo, parte importante do mistério divino, cujo fruto é a redenção do mundo"[5].

No ambiente familiar, com as pessoas com que convivemos todos os dias, é onde aprendemos a ouvir e a obedecer, dentro dos planos de amor de Deus. Aí todos estão em sintonia porque cada um procura sinceramente o bem do outro. Na

família se experimenta o serviço mútuo, aprendemos a ouvir, a descobrir o que convém a todos. A obediência é fruto do amor. Podemos imaginar com que delicadeza José daria indicações a Jesus. E, ao mesmo tempo, podemos pensar como o Verbo Encarnado desejaria compreender e cumprir, gratamente e com alegria, o que seu pai terreno dizia. Na realidade, "os três componentes dessa família singular se ajudam reciprocamente a descobrir e realizar o plano de Deus. Eles rezavam, trabalhavam, se comunicavam"[6].

Jesus deve ter visto muitas vezes o modo como José se comportava nos anos de Nazaré: homem obediente pela fé. O santo patriarca obedeceu e, dessa maneira, antecipou a obediência de Jesus até a cruz. A Sagrada Família é uma escola na que podemos aprender que ouvir a Deus e nos unirmos à sua missão são duas faces de uma mesma moeda. Assim compreenderemos "a fé de José: plena, confiante, íntegra, manifestada numa entrega eficaz à vontade de Deus, numa obediência inteligente"[7].

---

[1] Francisco, carta apostólica Patris Corde, Introdução. Os quatro sonhos concernem a: não temer em receber Maria como esposa; a fuga para o Egito para salvar a vida de Jesus; o regresso a Israel; e, finalmente, ir a Nazaré para proteger o Menino do rei da Judeia.

[2] São Josemaria, É Cristo que passa, nº 42.

[3] Ibidem, nº 54.

[4] Bento XVI, Ângelus, 18/12/2015.

[5] São João Paulo II, Ângelus, 30/12/1979.

[6] Francisco, Ângelus, 29/12/2019.

[7] São Josemaria, É Cristo que passa, nº 42.

Voltar ao índice

Meditações: 5º domingo de São José

- José acolhe os planos divinos

- Descobrir a Deus na realidade diária

- A coerência do modo de atuar de Deus

A VIDA DIÁRIA está cheia de ocasiões e decisões que marcam um determinado rumo, e algumas delas têm uma importância transcendental em nosso futuro. Habitualmente é necessário ponderar as coisas na presença de Deus, com maior razão nessas situações especiais. “José, Filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria como tua esposa” (Mt 1, 21), disse o anjo ao patriarca. O evangelho de São Mateus afirma que José ponderou em seu coração o que estava acontecendo para saber como atuar. É por isso que ele é apresentado “como figura de homem respeitoso, delicado que, mesmo não dispondo de todas as informações, se decide pela honra, dignidade e vida de Maria. E, na sua dúvida sobre o melhor a fazer, Deus ajudou-o a escolher iluminando o seu discernimento”[1].

Santa Maria concebeu Cristo pela fé, pois acolheu os planos do Senhor, acreditou que se cumpririam as palavras do anjo. Podemos aplicar o mesmo raciocínio a José, que acolheu também o que lhe foi comunicado por Deus. O santo patriarca confiou naquelas palavras e se envolveu pessoalmente no que lhe foi anunciado. Assumiu para si o plano de Deus, com a confiança de que se tratava de algo bom, não só para a humanidade em geral, mas também para ele mesmo: estava feliz naquela história; tinha se tornado o plano que ele desejava realizar. Na linguagem comum dizemos que a reprodução de uma obra de arte é “fiel” quando reflete o projeto original do artista. Porém, Deus cria um relacionamento com criaturas dotadas de autêntica liberdade; a arte está, então, em aprender, ao longo da nossa vida, a acolher seus planos e reconhecer neles algo bom para nós e para aqueles que nos rodeiam.

São José vive no meio de situações normais: trabalho, família, vida diária... e é aí que aprende a acolher e a tornar vida o dom de Deus. Esta atitude é necessária para todos os cristãos. Podemos pedir ao santo patriarca que renove o nosso olhar e o nosso coração para abrir-nos aos dons e planos divinos com novidade de sentido.

TODOS SOMOS chamados a formar lares que, imitando o de Cristo, abram as suas portas de par em par. Acolher é ter a valentia de receber com ternura, reconhecer o que é bom, promover, ter iniciativa, não se resignar à comodidade do que se

conhece, nem ceder à passividade. Acolher é ter uma disposição habitual de estar sempre aberto às necessidades dos outros. José tem um protagonismo "corajoso e forte. O acolhimento é um modo pelo qual se manifesta, na nossa vida, o dom da fortaleza que nos vem do Espírito Santo"[2]. O santo patriarca é um homem fiel que se abre, em primeiro lugar, à voz de Deus. Acolhe igualmente, porém, o claro-escuro da história na qual se vê inserido, acolhe os desafios que o mundo e as pessoas que o rodeiam apresentam à sua missão. "O realismo cristão, que não rejeita nada do que existe. A realidade, na sua misteriosa persistência e complexidade, é portadora de um sentido da existência com as suas luzes e sombras. É isto que leva o apóstolo Paulo a dizer: 'Sabemos que tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus' (Rm 8, 28). E Santo Agostinho acrescenta: tudo, 'incluindo aquilo que é chamado mal'. Nesta perspectiva global, a fé dá significado a todos os acontecimentos, sejam eles felizes ou tristes"[3].

São Josemaria gostava de contemplar como São José procura continuamente o melhor modo de cumprir os planos divinos, que passaram a ser dele também; "coloca toda a sua experiência humana a serviço da fé. Quando volta do Egito, *ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes temeu ir para lá*. Aprendeu a mover-se dentro do plano divino e, como confirmação de que seus pensamentos vão ao encontro do que Deus realmente quer, recebe a indicação de se retirar para a Galileia"[4]. Em nosso caminho para realizar a missão que Deus nos confiou teremos tanto avanços quanto retrocessos. Mas também nos momentos que podem parecer maus podemos descobrir a voz de Deus que nos consola, nos instrui e nos ilumina. "Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho. E não importa se tudo parece ter tomado já uma direção errada, e se algumas coisas já são irreversíveis. Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas"[5].

"VEDE QUAL é o ambiente em que Cristo nasce – sugeria São Josemaria – Tudo lá insiste nesta entrega sem condições: José – uma história de duros acontecimentos, combinados com a alegria de ser o guardião de Jesus – põe em jogo toda sua honra, a serena continuidade do seu trabalho, a tranquilidade do futuro; toda a sua existência é uma total disponibilidade para o que Deus lhe pede (...). Em Belém ninguém reserva nada para si. Lá não se ouve falar de minha honra, nem de meu tempo, nem de meu trabalho, nem de minhas ideias, nem de meus gostos, nem de meu dinheiro. Lá se coloca tudo a serviço do grandioso jogo de Deus com a humanidade"[6]. Para poder acolher a realidade e as outras pessoas como o santo patriarca, precisamos abandonar-nos mais nas mãos seguras de Deus do que nas nossas; assim nos disporemos a aprender de todos e de tudo, também dos nossos erros, porque por trás deles sempre descobriremos um sussurro divino. "A vida espiritual que José nos mostra, não é um caminho que *explica*, mas um caminho que *acolhe*. Só a partir deste acolhimento, desta reconciliação, é possível intuir também uma história mais excelsa, um significado mais profundo"[7].

São José não ignorou o aviso do anjo e partiu para os lugares que lhe pareciam melhores para Jesus; também não discutiu com a sua esposa sobre qual deveria

ter sido a sua reação quando soube que ela ia dar à luz um filho. Ao procurar lugar para o Menino que ia nascer, São José não se queixava cada vez que não o encontrava, e também não quis ficar obstinadamente em Belém, diante da ameaça de Herodes, por mais injusto que fosse ter que partir para o Egito. Em cada um destes acontecimentos, São Josemaria faz notar que o santo patriarca "aprendeu pouco a pouco que os planos sobrenaturais têm uma coerência divina, embora às vezes estejam em contradição com os planos humanos"[8]. Por isso, precisamos pedir a sabedoria do pai terreno de Jesus para aprender a compreender essa lógica divina; e acolher então, como vindas de Deus, as pessoas e os acontecimentos à nossa volta.

---

[1] Francisco, carta apostólica *Patris corde,* n. 4.

[2] Ibid.

[3] Ibid.

[4] São Josemaria, *É Cristo que passa, n. 42*.

[5] Francisco, carta apostólica *Patris corde,* n. 4.

[6] São Josemaria, *Carta 14-II-1974,* n. 2.

[7] Francisco, carta apostólica *Patris corde,* n. 4.

[8] São Josemaria, *É Cristo que passa,* n. 42.

Voltar ao índice

Meditações: 6º Domingo de São José

Dificuldades e criatividade na vida de José

Atitude perante os problemas de uma família comum

Acolher a luz de Deus nas coisas normais

A VIDA DE São José não foi desprovida de dificuldades, grandes e pequenas. De fato, o costume de destacar de uma forma especial os sete domingos anteriores à sua festa nasceu para contemplar as suas sete alegrias, mas também as suas sete dores. Por exemplo, o momento em que Jesus, aos doze anos de idade, permaneceu no Templo em Jerusalém sem o conhecimento dos seus pais. Maria, ao encontrá-lo três dias depois, exclama: "Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura" (Lc 2,48). A Escritura é clara: São José tinha passado muitas horas de tribulação, tinha experimentado a angústia de quem não encontra o que é mais importante em sua vida. Também podemos recordar, por exemplo, aquela aflição do santo patriarca quando o anjo lhe diz: "Levanta-te, pega o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise! Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo" (Mt 2,13). São palavras fortes, que assustam, especialmente quando são recebidas no meio da escuridão da noite.

Porque um homem tão justo teve de passar por estes e outros momentos difíceis? Porque às vezes parece que quem que tenta fazer as coisas com delicadeza e honestidade encontra mais dificuldades do que os outros? Quando contemplamos os problemas pelos que São José passou, tais como encontrar um abrigo para Jesus ou ter de viver como um estranho, perguntamo-nos muitas vezes "porque Deus não interveio de forma direta e clara. Porque Deus intervém por meio de acontecimentos e pessoas: José é o homem por meio de quem Deus cuida dos primórdios da história da redenção; é o verdadeiro 'milagre', pelo qual Deus salva o Menino e sua mãe. O Céu intervém, confiando na coragem criativa deste homem"[1].

São José sabia que as dificuldades, além de não estarem fora dos planos divinos, podem ser momentos de crescimento na intimidade com Deus e de desenvolvimento pessoal em muitas áreas. Mesmo que, logicamente, não procuremos passar por estas circunstâncias, elas vêm inevitavelmente, e assim o santo patriarca pode ser um bom modelo e intercessor; ele nos ensina a encontrar dentro de nós a coragem e a criatividade para transformar o nosso ambiente e o nosso coração num lugar mais de Deus. São momentos em que o Senhor tem uma missão especial para nós, apesar de que nem sempre compreendamos isso completamente.

OS PROBLEMAS de Jesus, Maria e José eram também os problemas de uma família comum, como os que a nossa família costuma encontrar, às vezes difíceis: mudança de cidade ou de casa, perda de emprego, ameaças, dúvidas... Em muitos aspectos, a vida de São José era uma vida normal e isso aproxima-o de nós. Por exemplo, "O Evangelho não dá informações relativas ao tempo que Maria, José e o Menino permaneceram no Egito. Mas certamente tiveram de comer, encontrar uma casa, um emprego. Não é preciso muita imaginação para preencher o silêncio do Evangelho a tal respeito. A Sagrada Família teve que enfrentar problemas concretos, como todas as outras famílias"[2]. É verdade que Deus podia resolver muitos destes conflitos, e agora continua podendo, mas em sua sabedoria divina, não o quis fazer, deixou isso para nós. "Em Deus residem a sabedoria e o poder. Ele possui o conselho e a inteligência" (Jó 12,13). O seu milagre são as capacidades que Ele deu a cada um de nós, enriquecidas pelos dons do Espírito Santo.

São Josemaria também enfrentou dificuldades e sofrimentos para cumprir a sua missão de ser pai e guia dos santos: a morte das três irmãs mais novas, a humilhação da falência da empresa familiar, a incompreensão de alguns parentes próximos, o falecimento do seu pai um pouco antes da sua ordenação sacerdotal, e assim por diante. E, ao mesmo tempo, o Senhor abençoou-o com energia humana e sobrenatural para dar vida ao projeto que Deus lhe tinha confiado. É assim que o Senhor trabalha com os seus. Certamente nós também temos – com maior ou menor abundância – estes dons à nossa disposição para "confirmar nas almas e na sociedade a paz e a harmonia: a tolerância, a compreensão, a convivência e o amor"[3].

O exemplo de São José, corajoso, proativo, atento, sempre pronto a pôr em prática os milagres comuns que Deus lhe pedia, pode nos ajudar. E também podemos reparar na vida de São Josemaria; embora nunca lhe faltassem problemas, foi uma profunda vida de fé que tornou possível ver por trás de tudo a mão de Deus, que nunca nos abandona.

SÃO JOSEMARIA ensinava que a vida diária pode ser uma ocasião de encontro com Deus, "*algo* de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir"[4]. Portanto, a própria vida está imbuída de um significado divino; não podemos ir a Deus sem encontrar o milagre do comum. O Senhor quis esconder-se discretamente nas coisas normais dos nossos dias, sem imposições, a fim de nos deixar verdadeiramente livres para O procurar. E parte da vida comum são as pequenas dificuldades de cada dia: uma coisa que não aconteceu como planejamos, um relacionamento que gostaríamos que fosse melhor, as complexidades que surgem no nosso trabalho, etc. "Perante uma dificuldade, pode-se desistir e abandonar o campo, ou tentar vencê-la de algum modo. Às vezes, são precisamente as dificuldades que fazem sair de cada um de nós recursos que nem pensávamos ter"[5].

Estas circunstâncias também podem ser uma ocasião para pedir mais luzes a Deus. Oferecem a possibilidade de reforçar o nosso diálogo e intimidade com o

Senhor, de nos fortalecer para realizar o seu plano de amor nas nossas circunstâncias. Tal como José sempre recebeu a palavra oportuna para enfrentar as dificuldades e assim cuidar da Sagrada Família, nós também podemos experimentar a proximidade e a voz do Senhor que nos anima e nos impele a oferecer compreensão, paz, força e coragem aos que necessitam. "De José, devemos aprender o mesmo cuidado e responsabilidade: amar o Menino e sua mãe; amar os Sacramentos e a caridade; amar a Igreja e os pobres. Cada uma destas realidades é sempre o *Menino e sua mãe*"[6].

---

[1] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, n. 5.

[2] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, n. 5.

[3] São Josemaria, Carta nº 3, nº 38.

[4] São Josemaria, Entrevistas, n. 114.

[5] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, n. 5.

[6] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, n. 5.

Voltar ao índice

Meditações: 7º domingo de São José

Jesus trabalhou junto de José

Redescobrir o valor do trabalho

Trabalho e oração, oração e trabalho

O EVANGELHISTA São Lucas resume a infância de Jesus dizendo que "O menino crescia e tornava-se forte, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava com ele" (Lc 2,40). Um pouco mais tarde, sintetiza os anos de adolescência do Senhor destacando que "Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52). É surpreendente que um Deus omnipotente quisesse experimentar o processo normal de crescimento humano. O Deus-homem viveu uma vida muito parecida com a dos outros habitantes de Nazaré. Aprendeu a lei e o ofício dos lábios e mãos de São José, talvez o imitando. Também aprendeu a ler e a escrever, a tratar as pessoas, a descansar... Os dias de Jesus – tal como os dos seus vizinhos ou os nossos – devem ter girado em grande medida em torno das relações familiares, de amizade e trabalho. Talvez a oficina do seu pai tenha sido o local onde o Messias passou a maior parte da sua vida.

"Assim viveu Jesus durante seis lustros: era *fabri filius,* o filho do carpinteiro. Virão depois os três anos de vida pública, com o clamor das multidões. E as pessoas surpreendem-se: Quem é este? Onde aprendeu tantas coisas? Pois a sua vida tinha sido a vida comum do povo da sua terra"[1], muito semelhante à de São José. Esta realidade mostra-nos como o trabalho faz parte do plano de Deus para o homem. No Livro do Gênesis, o ser humano é apresentado como o guardião do criado, capaz de transformar e embelezar o mundo, continuando o que o Criador o faz. O trabalho é, portanto, uma realidade humana com a qual podemos contribuir para criar um ambiente, uma cidade, uma nação onde homens e mulheres possam ter um diálogo íntimo com Deus.

"PARA A GRANDE maioria dos homens, ser santo significa santificar o seu trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros com o trabalho" [2]. Com estas palavras, o fundador do Opus Dei resumia uma parte da mensagem que Deus tinha pedido que recordasse aos cristãos. "Santificar o trabalho" é a expressão que chama mais a atenção. Por um lado, significa fazê-lo bem, com amor, prestando atenção aos detalhes, como qualquer pessoa honesta. Por outro lado, fazê-lo sabendo que na materialidade deste trabalho podemos compartilhar o modo de Deus amar a sua criação, ou seja, as pessoas e a realidade tangível em que elas vivem. Esta maneira se expressa na proximidade, ternura, em inspirar

sempre nova vida nas criaturas. Participar nesta missão leva-nos, de certa forma, a ser contemplativos no meio do mundo. “Todas as obras dos homens se fazem como num altar, dizia São Josemaria, e cada um de vós, nessa união de almas contemplativas que é a vossa jornada, diz de algum modo a sua Missa, que dura vinte e quatro horas”[3].

Uma consequência lógica deste encontro divino será fazê-lo sempre para servir os outros como filhos de Deus e fazer do nosso mundo um mundo melhor. “O trabalho é um elemento fundamental para a dignidade da pessoa. Para usar uma imagem, o trabalho ‘unge-nos’ de dignidade, enche-nos de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, agindo sempre (cf. *Jo* 5, 17)”[4]. Contudo, também aqui o pecado deixou a sua marca, por exemplo, quando o nosso trabalho se torna um fim, apenas para alcançar o reconhecimento social ou econômico. “É indispensável que o homem não se deixe escravizar pelo trabalho, que não o idolatre, com a pretensão de encontrar nele o sentido último e definitivo da vida”[5]. São João Paulo II também nos advertia contra uma visão do trabalho que só o considera “como mercadoria, uma fria lógica de ganho para poder adquirir bem-estar, consumir e assim continuar produzindo”[6]. Olhar para São José, o mestre de Jesus no trabalho, pode ajudar-nos a redescobrir sempre o verdadeiro valor das nossas tarefas diárias; a não as transformar em um fim terreno, mas descobrir ali aquele *quid divinum*, o algo divino que nos une a Deus e nos coloca diante dos outros como intermediários dos bens e do cuidado de Deus – também material – para cada pessoa.

SÃO JOSEMARIA recorda numa homilia: “costumo dizer com frequência, nestes momentos de conversa com Jesus, que nos vê e nos escuta do Sacrário, não podemos cair numa oração impessoal. E explico que, para meditarmos de modo que se instaure imediatamente um diálogo com o Senhor – não é preciso nenhum ruído de palavras –, temos que sair do anonimato, colocar-nos na presença divina tal como somos (…). Pois bem: agora acrescento que também o teu trabalho deve ser oração pessoal, tem de converter-se num grande colóquio com o nosso Pai do Céu. Se buscas a santificação em e através da tua atividade profissional, terás necessariamente de esforçar-te para que se converta numa oração sem anonimato”[7].

Transformar cada hora do nosso trabalho em uma hora de oração não é necessariamente questão de acrescentar orações vocais ou lembretes piedosos durante a nossa atuação profissional. Rezar com o nosso trabalho é – além de o alimentar com uma vida interior cultivada em outros momentos – ter consciência de que, em certo sentido, somos as mãos e ouvidos do Senhor que, através de uma determinada tarefa material ou intelectual, ouvimos, acolhemos, cuidamos das pessoas e da criação que nos foi confiada.

Numa ocasião, perguntaram a São Josemaria: “Sou cirurgião e tenho dez filhos. Há quinze anos que o espírito da Obra é meu guia e minha força. Mas há dias em que a vida profissional nos tira todo o tempo. Que fazer para continuar a santificar-se e para cuidar da casa?” Ao que o fundador do Opus Dei respondeu: “Mas, quando você atende os doentes, o que você faz, senão um trabalho quase sacerdotal? Você

é quase um sacerdote, e tem alma de sacerdote. Cura as feridas do corpo e, ao mesmo tempo, as da alma. Apenas com o seu olhar, com o seu modo de tratar os doentes, com uma palavra, com um sorriso afetuoso. Da manhã à noite e da noite à manhã, você está com Deus"[8]. Por isso, com a festa do patriarca tão próxima, podemos recorrer a ele para podermos colaborar com o Senhor da melhor maneira através do nosso trabalho. "Dirijamos-lhe a nossa oração: (...) *Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós e guiai-nos no caminho da vida. Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem*"[9].

---

[1] É Cristo que passa, 14.

[2] Entrevistas, 55

[3] São Josemaria, Notas de uma meditação, 19 de março de 1968.

[4] Francisco, Audiência Geral, 1 de maio de 2013.

[5] Bento XVI, Homilia, 19 de Março de 2006.

[6] São João Paulo II, Audiência Geral, 1 de Maio de 1984.

[7] São Josemaria, Amigos de Deus, nº 54.

[8] São Josemaria, Notas tomadas numa reunião de família em Valência, 17 de Novembro de 1972. É possível ver um trecho deste diálogo no vídeo.

[9] Francisco, carta apostólica *Patris corde*, Epílogo.

Voltar ao índice

Meditações: 19 de março, solenidade de São José

A oração de José inspira a sua atuação

Uma oração que contempla Jesus

O patriarca atua com a liberdade e a confiança que vem do amor.

AS BIOGRAFIAS dos grandes personagens são frequentemente forjadas por fatos extraordinários e discursos importantes. Além disso, muitas vezes surgem num contexto de crise existencial ou social, que destaca a importância da sua contribuição. É por isso que a figura serena e forte de São José, tendo suscitado tanta devoção ao longo dos séculos, pode ser surpreendente para nós: os Evangelhos não nos transmitem nenhuma das suas palavras e as suas ações eram geralmente simples, sem aparência dramática. Inclusive mostra-se aos nossos olhos como um personagem discreto. No entanto "São José lembra-nos que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação"[1]. Embora na sua vida não vejamos nenhuma ação exterior portentosa, existe uma vida interior cheia de atividade. Nele vemos um homem que soube responder aos desafios do silêncio da oração e que, por esta razão, foi capaz de realizar as suas obras com a liberdade que emana do verdadeiro amor.

"Os Evangelhos falam exclusivamente daquilo que José 'fez'; no entanto, permitem-nos descobrir em suas "ações", envolvidas pelo silêncio, um clima de *profunda contemplação*"[2]. São João Paulo II revela-nos assim o segredo por trás das obras do santo Patriarca: toda a sua vida foi uma verdadeira oração. São José estava atento à voz de Deus escondida por trás de cada acontecimento e de cada pessoa; isto permitiu-lhe ouvi-lo mesmo nas tênues imagens dos sonhos. A Sagrada Escritura diz-nos que, enquanto dormia, descobriu aquela vocação que encheria de conteúdo todos os dias da sua vida: cuidar de Jesus e Maria. Um anjo visitou-o à noite para lhe revelar o plano de Deus e assim realizar o seu desejo de ser feliz fazendo a vontade de Javé (cf. Mt 1,20). Nem mesmo nesses momentos ouvimos a resposta de José à mensagem angélica; simplesmente constatamos que, a partir deste momento, todas as suas ações são a melhor resposta aos pedidos de Deus.

Entre a vida interior de São José e as suas manifestações exteriores já não vemos nenhuma fissura, porque ele transforma a sua vida em um caminho de oração. Só uma alma profundamente contemplativa como a sua pode transformar o sonho de Deus em seu próprio sonho. São Josemaria pregava continuamente sobre a profundidade de unir, desta forma, o divino e o humano: "Acostumem-se a procurar a intimidade de Cristo com a sua Mãe e com seu pai, o Patriarca Santo,

pois então vocês terão o que Ele quer que tenhamos: uma vida contemplativa. Porque estaremos, simultaneamente, na terra e no Céu, tratando as coisas humanas de maneira divina"[3].

DESDE O NASCIMENTO de Jesus em Belém, no meio da pobreza, o santo Patriarca nunca se cansou de contemplar o rosto de Deus Menino. É fácil imaginar o seu olhar, cheio de carinho, observando Jesus durante a primeira noite que Ele passou nesta terra. À medida que os anos passavam, ele lembrava-se constantemente daquele primeiro sonho divino que tinha aberto um horizonte nunca imaginado à sua existência: poder acolher Maria e o Menino em sua casa. A oração de José, porém, iria tomando forma com o tempo, seguindo o ritmo da vida de Jesus e dos acontecimentos diários. "Para São José, a vida de Jesus foi uma contínua descoberta da sua própria vocação"[4]. A sua vida contemplativa nunca foi uma desculpa para a passividade. Pelo contrário: a tranquilidade precária de Belém foi interrompida por um novo sonho: Deus convida-o a exilar-se com a sua família no Egito. E precisamente porque a sua oração é o fogo que o move, ele parte imediatamente. De São José aprendemos que cada verdadeira renovação, cada novo impulso, nasce de uma contemplação de Jesus que nos conduz ao diálogo com Deus.

A vida da Sagrada Família, de volta a Nazaré, pode ser descrita desta forma: "O Filho de Deus está escondido aos homens e somente Maria e José guardam o seu mistério, vivendo-o no dia-a-dia: o Verbo encarnado cresce como homem, à sombra dos seus pais, mas ao mesmo tempo eles permanecem escondidos em Cristo, no mistério d'Ele, vivendo a sua própria vocação"[5]. Aos olhos dos habitantes do povoado, não acontecia nada de extraordinário naquela casa santa que, de certa forma, é para nós também uma escola de oração na vida cotidiana. Também podemos viver na vida oculta de Cristo. A vida de José e Maria desenvolve-se num diálogo constante com Jesus: eles vivem para ver o Senhor crescer, mas são eles que crescem aos olhos de Deus. Cuidam de Jesus numa humilde casa em Nazaré, enquanto Deus os protege na grande mansão do seu amor.

"A vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Col 3,3). A nossa vida de oração leva-nos, como São José, a refugiarmo-nos sempre no Senhor. O Santo Patriarca foi capaz de suportar a humilhação do presépio, a dureza do exílio e a aparente monotonia de uma vida comum, porque soube colocar o seu coração em Jesus: o lugar onde qualquer situação se torna habitável. Nunca viu a sua vocação como um conjunto de coisas a cumprir, mas como o dom imerecido de poder viver em cada momento com o Filho de Deus.

O SILÊNCIO de São José perante as moções divinas pode ajudar-nos a compreender a liberdade com que o Patriarca agiu dentro dos planos de Deus. A princípio pode parecer-nos que esta simplicidade encerra uma vida sem ideais próprios, ou talvez uma resposta mecânica. No entanto, se a contemplarmos mais de perto, perceberemos que consiste mais em uma vida repleta da liberdade do

amor. A verdadeira oração, quando é um diálogo aberto com Deus, dá-nos a possibilidade de olhar para o mundo, de certa forma, com o ponto de vista de Deus. Então a nossa vida assume uma dimensão diferente, que não tínhamos imaginado, como a de São José, que soube colocar "fé e amor na esperança da grande missão que Deus, servindo-se dele também – um carpinteiro da Galileia –, estava iniciando no mundo: a redenção dos homens"[6].

"A lógica do amor é sempre uma lógica de liberdade, e José soube amar de maneira extraordinariamente livre. Nunca se colocou a si mesmo no centro; soube descentralizar-se, colocar Maria e Jesus no centro da sua vida"[7]. A oração torna-nos verdadeiramente livres porque nos permite entrar na lógica da doação, uma lógica que nos torna mais leves e nos permite dar o peso certo a cada coisa. Quando entramos num diálogo constante com Deus, as nossas vidas já não estão necessariamente subordinadas aos nossos gostos ou cansaço, apesar de que estes continuem existindo. As nossas misérias também não nos preocupam demasiado, porque sabemos que Deus vem em nosso auxílio para nos curar e para transformá-las em fonte de vida, como as mãos feridas e o lado trespassado de Cristo foram fonte de vida.

Mas isto não significa que a vida de oração de São José não tenha encontrado dificuldades. Sabemos que numa ocasião, ao regressar de Jerusalém, Jesus adolescente se perdeu (cf. Lc 2,45). Podemos imaginar com que angústia ele o procuraria. Tantas lembranças carinhosas devem ter passado pela sua cabeça, com tons diversos. Talvez tenha derramado alguma lágrima. No entanto, durante os seus três dias de incerteza, não deixou de perseverar interiormente "com os olhos fixos em Jesus" (Heb 12,2). A sua busca exterior, mais uma vez, foi o reflexo da sua constante busca interior. O Santo Patriarca não compreendeu a resposta que Jesus lhe deu quando finalmente o encontrou no templo, mas a sua vida já estava de tal forma nas mãos de Deus que também neste momento deixou que Ele o guiasse. Nisso reside a grandeza da personalidade de São José e é o que lhe pedimos no dia da sua festa: confiar completamente em Deus. E Deus nunca decepciona, porque os seus sonhos para nós, mesmo que às vezes ultrapassem as nossas expectativas, são sempre bons.

---

[1] Francisco, Carta Apostólica *Patris Corde*, Introdução.

[2] São João Paulo II, Redemptoris custos, nº 25.

[3] São Josemaria, Notas sobre a pregação oral, 26 de maio de 1974.

[4] São Josemaria, É Cristo que passa, nº 54.

[5] Bento XVI, Discurso nos Jardins do Vaticano, 5 de julho de 2010.

[6] São Josemaria, É Cristo que passa, nº 42.

[7] Francis, Carta Apostólica Patris Corde, nº 7.

Voltar ao índice

www.opusdei.org